

A SABEDORIA

Ângela Vaz Leão*

Para aqueles que freqüentaram aulas de catecismo na infância, não é novidade dizer que a sabedoria constitui um dos sete dons do Espírito Santo. Mas seria essa caracterização suficiente para dar uma idéia do que seja, realmente, a sabedoria? Creio que não. Por isso, para desenvolver esse tema, preferi começar por uma noção gramatical. A palavra “sabedoria” é um substantivo abstrato, pois abstrato é o conceito que ela exprime, ou melhor, abstratos são os conceitos que ela pode exprimir. “Ser um conceito abstrato” significa ‘não ter existência em si’, ‘existir apenas unido a outro ser’, do qual se pode ser separado por uma operação mental, a abstração. São abstratos, por exemplo, os substantivos que denotam qualidades ou ações, como “brancura, beleza, pulo, construção”.

Também a sabedoria não tem existência em si, ela existe nos seres que são sábios. Para concebê-la de forma independente, temos que abstraí-la ou retirá-la mentalmente dos seres onde ela existe.

Podemos também usar um procedimento mais cômodo, indo a um dicionário da língua, por exemplo o *Aurélio*. Lá encontraremos vários significados para a palavra, inclusive aquele que confunde sabedoria com erudição, saber, ciência. Afastado esse primeiro sentido, que não interessa aos propósitos desta palestra, a palavra “sabedoria” pode significar ainda: ‘prudência, moderação, sensatez’, como no exemplo “Os sofrimentos deram-lhe grande sabedoria”; ou pode significar ‘conhecimento justo das coisas, conhecimento inspirado nas coisas divinas e humanas’, como na frase “Um dos sete dons do Espírito Santo é a sabedoria”.

Não pretendo desenvolver aqui esse conceito abstrato, nem fazer uma reflexão filosófica sobre a sabedoria em si. Julgo que seria mais fácil tornar concreto esse abstrato e falar da sabedoria concretizada no comportamento do homem sábio, ou melhor, de alguns homens sábios. Aí estaríamos tratando de matéria humana, ao nosso alcance imediato. Mas de que homem sábio poderia eu falar nesta palestra?

*Doutora em Letras e Profa. do Curso de Pós Graduação em Literatura da PUCMINAS.

Depois de várias hesitações, escolhi dois sábios que sempre me impressionaram: um hebreu, o rei Salomão, que viveu no século X a.C; e o outro castelhano, o rei Dom Afonso X, que viveu no século XIII d.C. Não obstante a distância que os separa no tempo — cerca de 23 séculos, ou melhor, bem mais de dois milênios — há muitas coisas em comum entre ambos. Em primeiro lugar, aproxima-os a condição de rei. Depois, embora um fosse judeu e o outro cristão, ambos eram tementes a Deus e pediram que Ele lhes desse sabedoria para reinar, discernimento entre o bem e o mal, e sobretudo senso de justiça para que o povo não sofresse com seus governos. Não obstante estarem separados pelo tempo, pela cultura e pela língua, também é comum entre eles a importância de sua produção poética e histórica. Ambos deixaram uma obra de valor universal. A de Salomão constitui-se de alguns livros do *Antigo Testamento*, escritos no hebraico antigo, enquanto a de Dom Afonso X consta de obras de diferentes gêneros, algumas em castelhano antigo e outras no galego-português do século XIII. Outra coisa que têm em comum é a exuberância de sua vida amorosa. Ambos tiveram sua esposa, mas amaram muito fora do casamento. Um reflexo disso aparece nas “cantigas de amor” escritas por Dom Afonso X, o Sábio, e em algumas passagens do *Cântico dos Cânticos* deixadas por Salomão.

Passando em revista o relato de suas vidas, procurei destacar uma ação de cada um deles, que tivesse alguma analogia de propósito e que pudesse nos dar testemunho da sua sabedoria, de modo a mostrar que o epíteto de “sábio”, atribuído a ambos, era justo e merecido. Essa ação foi, nos dois casos, um julgamento.

Antes porém de fazer sua narrativa, quero apenas lembrar que “sabedoria” e “saber” são palavras formadas do mesmo radical, mas não são sinônimas, pois designam coisas diferentes, tanto na língua quanto na vida. Observe-se de passagem que a linguagem humana é um instrumento afinadíssimo. Com os mais diferentes recursos, cada língua obedece a um princípio de economia que evita a superposição de significados num mesmo significante, assim como a superposição de significantes para um mesmo significado. Não há, pois, sinônimos perfeitos.

Desde o latim, tivemos substantivos diferentes para designar as duas idéias – a sabedoria era *sapientia*, enquanto o saber era *scientia* – coisas diferentes uma da outra. A sapiência é um conhecimento intuitivo das coisas, conhecimento que pode ser inato ou adquirido com a experiência, mas que não se confunde com a quantidade de saber acumulado. Já a ciência é o saber, ou melhor, é um conjunto de saberes acumulados através do estudo, nas várias áreas do conhecimento. Assim, há uma ciência ou um

saber lingüístico, um saber histórico, um saber agrícola, um saber médico, um saber psicológico, etc, etc, enquanto que a sabedoria nada tem a ver com as conquistas específicas dos vários ramos da ciência e da tecnologia.

O conhecimento científico, o conhecimento humanístico, o conhecimento artístico, o conhecimento filosófico são formas diferentes de saber, que o homem constrói e acumula. Já com a palavra “sabedoria” não se usam esses adjetivos que compartimentam o conhecimento. A sabedoria é atributo de alguns indivíduos ou de algumas culturas, revelado em palavras e em modos de pensar e de agir. Por isso mesmo, o latim distingue as duas palavras, *sapientia* e *scientia*, da mesma forma que as línguas modernas o fazem, dentro de seu vocabulário. No francês, para dar um só exemplo, temos *la sagesse* e *le savoir*. *La sagesse* é a sabedoria, e *le savoir* é o saber, a ciência. Quem tem a primeira é um *sage*, quem possui o segundo é um *savant*.

Convém notar que a palavra *scientia*” ganhou um prefixo, *con-*, formando-se uma nova palavra, *conscientia*. Os dois vocábulo ficaram existindo desde o latim, com sentidos que não se confundem. A consciência é a ciência a serviço da alma, a serviço do espírito. É uma acumulação de conhecimentos, sim, mas conhecimentos que, reunidos, vão iluminar a alma e, portanto, orientar o comportamento humano. A ciência se limita ao domínio intelectual, enquanto a consciência reúne o intelectual e o moral. Essa distinção me faz pensar em Rabelais, autor francês do século XVI, que, através das histórias dos gigantes, Pantagruel e Gargantua, construiu todo um edifício relativo à educação do jovem, ao mesmo tempo que fez uma sátira da sociedade de seu tempo. Há uma passagem na sua obra em que ele diz: *Science sans conscience n'est que ruine de l'âme*. Isto é: ‘Ciência sem consciência não passa de ruína da alma’. E nós tivemos prova disso, quando, na última grande Guerra Mundial, muito conhecimento científico na área da Física Atômica foi posto a serviço da destruição e do mal, com total desprezo dos valores éticos que devem reger as relações humanas.

Esperando ter esclarecido, de forma prática, o conceito de sabedoria, passemos aos dois reis que escolhi como sábios exemplares: o Rei Salomão, da cultura judaica, e o Rei Afonso X, da cultura hispânica ou ibérica.

A história de Salomão está no *Livro dos Reis*, no *Antigo Testamento*., já na parte histórica da *Bíblia*. Foi um dos reis mais ilustres de todos os tempos. Filho e sucessor de Davi, reinou de 973 a 935 a.C, por 38 anos portanto. Teve por esposa a filha de um faraó, mas amou muitas outras mulheres. O seu reinado se celebrou por ações importantíssimas, como a construção do templo de Jerusalém, um rico comércio com a

Tunísia e com a Arábia, uma ação política de grande alcance tanto externo quanto interno, e também a acumulação de riquezas não para si mesmo, mas para aplicá-las em benefício do seu reino. Além disso, ele se fez conhecido pelas suas atividades literárias, produzindo livros que se distribuem entre os gêneros poético, histórico e didático, dentro do *Antigo Testamento*.

Como todos sabem, a *Bíblia* é uma reunião de livros diferentes entre si, não só pelo seu autor, mas ainda pelo gênero, pela época e pelo estilo. Entre esses livros há cinco, no *Antigo Testamento*, que são conhecidos como “livros sapienciais”: o *Livro de Jó*, o *Livro dos Provérbios*, o *Eclesiastes*, a *Sabedoria* e o *Eclesiástico*. Intercalados nesse conjunto, encontram-se dois livros poéticos; os *Salmos* e o *Cântico dos Cânticos*. Porém, antes dos livros sapienciais, pode-se dizer que, desde o *Gênesis*, a *Bíblia* não fala senão da sabedoria, em vários sentidos. Na verdade, há uma evolução muito grande naquilo que os hebreus consideram a sabedoria. A princípio, ela se confunde com a astúcia, com a esperteza, mas depois vai evoluindo, até que chega a ser, nos livros sapienciais, o temor de Deus, o respeito pela justiça e a rejeição de toda forma de iniquidade ou de crueldade.

Alguns desses livros ou partes deles são atribuídos ao Rei Salomão, que pode ser considerado o protótipo, o símbolo da sabedoria entre os hebreus. A sua sabedoria se confunde aí com uma forma de humanismo, mas um humanismo devoto, que pode significar respeito pelo homem, com apoio em Deus, ou melhor, originado no temor de Deus.

A história de Salomão está contada no *I Livro dos Reis*, cap. I-IX. Como se sabe, ele subiu ao trono muito jovem, tinha apenas dezessete anos. Nesse dia, ele não pediu a Deus que lhe desse riqueza ou poder, mas pediu que lhe desse prudência e discernimento para distinguir o bem do mal e para poder conduzir o seu povo. E Deus lhe concedeu essa graça, conforme se pode ver na primeira causa que lhe aparece depois que ele sobe ao trono. Trata-se de um julgamento. Naquele tempo, o poder legislativo, o poder judiciário e o poder executivo se concentravam nas mãos de uma só pessoa, o Rei. Cabia-lhe administrar o país, estabelecer suas leis e exercer a justiça entre o povo. E a primeira causa submetida ao julgamento de Salomão foi a contenda entre duas mulheres que disputavam uma mesma criança, dizendo-se ambas mães dela.

Em vez de ler o texto bíblico (*I Livro dos Reis*, cap. III 16-28), apresento uma paráfrase dele:

Duas mulheres habitavam o mesmo quarto e tinha cada uma delas um menino recém-nascido. Morreu um deles durante a noite, e a mãe o pôs no lugar do outro, que ela tomou para si, enquanto sua companheira dormia. Disputando o mesmo filho, sem nunca chegar a um acordo, foram pedir justiça a Salomão. O Rei ouviu as razões e queixas de ambas. Depois, mandou que lhe trouxessem uma espada e disse:

– Parti o menino ao meio e dai a metade a uma mulher e a outra metade para a outra.

Já o executor da sentença real levantava a espada para partir o menino vivo, quando uma das duas mulheres, cedendo a um sentimento de amor e medo, exclamou com voz aflita:

– Ah! Senhor! Por quem sois! Dai a ela o menino vivo e não o mateis!

Ao contrário, dizia a outra friamente:

– Se ele não é para mim, que não seja para ela. Que ele seja partido ao meio!

Então o Rei Salomão, fazendo suspender a espada, disse:

– Não se parta o menino, mas que ele seja dado inteiro e vivo àquela primeira, porque ela é a sua mãe.

Quando a notícia desse julgamento de Salomão se divulgou em Israel, todo o povo ficou possuído de temor e de respeito por um príncipe a quem Deus dera tal sabedoria para administrar a justiça.

Essa é a passagem da vida do rei Salomão que, no meu entender, pode demonstrar bem a sua sabedoria, numa situação concreta.

Passo agora a falar de Dom Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela, que reinou no século XIII, por 33 anos, de 1251 a 1284, quando faleceu. Nascido em 1221, pode-se dizer que ele foi rei durante a metade de sua vida: dos seus 65 anos de existência, 33 se passaram no governo de Leão e Castela. Aliás, também esse fato aproxima os dois reis sábios: Salomão viveu 55 anos e durante 38 ocupou o trono.

E por que razões recebeu D. Afonso X, o cognome “o Sábio”, que foi reconhecido por toda a Europa, nos países que hoje consideramos como o ocidente românico e germânico? Que fez ele, de importante e de sábio? Ampliou os domínios cristãos através da luta contra os mouros, na importante operação guerreira conhecida pelo nome de Reconquista. Oficializou o uso do castelhano em todo o reino, em lugar do latim. Acolheu, na sua corte, em Toledo, sábios e artistas das três culturas florescentes na Espanha dessa época, constituindo uma oficina de tradução e de criação artística extremamente produtiva. Fez que convivessem em harmonia cristãos, mouros e judeus, povos que professavam as três grandes religiões monoteístas da Antigüidade e da Idade Média.

Alguns eruditos judeus e muçulmanos, que conheciam muito bem as línguas semíticas, além do latim e do grego, realizaram aí, sob o mecenato de dom Afonso X e em cooperação com eruditos cristãos, várias traduções de obras antigas, que se

integraram na cultura hispânica. Foi assim que toda a ciência antiga chegou até hoje, através de Castela, ou melhor, das traduções operadas no *scriptorium* de Dom Afonso X, por seus colaboradores, grupo conhecido como “Escola de tradutores de Toledo”. Não era uma escola no sentido de ‘estabelecimento de ensino’, mas de um ‘grupo de homens pensando e sentindo da mesma forma e trabalhando na mesma direção’. Além das traduções, também produziram obras originais, em vários ramos do saber.

Quanto à sua obra pessoal, Afonso X nos deixou inúmeros livros em prosa, escritos em castelhano arcaico, isto é, no castelhano daquela época. Eram livros de astronomia, de direito, de história da Espanha, de história geral, de lazer e jogos, etc. Também nos deixou importante obra em versos, escrita em galego-português, uma língua poética de grande prestígio na Baixa Idade Média, utilizada por trovadores de algumas terras do Ocidente. Observe-se que o galego e o português, a essa época, eram uma língua só, o galego-português. Após a independência de Portugal, as diferenças dialetais acabaram por dividir as duas línguas, afirmando o português a sua identidade diante das outras línguas ibero-românicas.

Usando o galego-português, D. Afonso X escreveu cantigas profanas e cantigas religiosas. As cantigas profanas são cantigas de amor, ou cantigas de escárnio e de maldizer, em número de cerca de meia centena, enquanto as religiosas constituem as *Cantigas de Santa Maria*, em número de mais de quatrocentos poemas, distribuídos entre “cantigas de louvor”, em que o poeta louva a Virgem, e “cantigas de milagre”, em que ele narra seus milagres, ocorridos em vários pontos do Ocidente. Esses milagres, ele os colheu em fontes escritas, nas salas de “ex-votos” dos santuários, onde se achavam relatos depositados pelos beneficiários dos milagres, escritos ora em latim macarrônico, ora na língua materna; ou, então, recolheu-os de narrativas orais, ouvidas nas suas perambulações pela Europa, durante as numerosas viagens que lhe permitiam escapar das intrigas da corte, que ele abominava.

De uma grande beleza e de uma variedade métrica extraordinária, as *Cantigas de Santa Maria* são acompanhadas de partituras musicais e de, em geral, seis iluminuras para cada poema. Foram conservados quatro manuscritos da obra, dos quais a PUC-Minas possui dois, em cópia facsimilar – o que é uma raridade bibliográfica talvez única nas universidades brasileiras.

Mas voltemos ao nosso tema, a sabedoria. Nas cantigas de milagre de D. Afonso X, escolhi uma que é também a história de um julgamento, como a que selecionei de Salomão. Trata-se de um julgamento narrado por Dom Afonso X, na

cantiga de milagre número VII, constante de um dos manuscritos do Escorial, conhecido como “códice rico”, graças à abundância e beleza de suas iluminuras. Quem julga nessa história é um bispo, porém a sua visão-de-mundo e o seu comportamento como juiz têm a adesão do poeta D. Afonso, isto é, o narrador se identifica com o personagem. A sabedoria do bispo se revela na ação e também nas palavras que lhe atribui Dom Afonso.

Naquele tempo, a divisão administrativa no Ocidente europeu coincidia com a divisão religiosa do território. Em vez de províncias, ou estados, ou cantões, as unidades eram as dioceses, administradas por um bispo, que detinha não só o poder religioso, mas também o poder político leigo, o que lhe dava as prerrogativas de administrar, legislar e julgar.

A história se passa num mosteiro feminino, subordinado a uma abadessa, cuja abadia se achava situada no nordeste da França e pertencia à diocese de Colônia, na atual Alemanha. É preciso notar que a abadessa era em geral uma mulher rica, que doava seus bens à igreja, mas que não era obrigatoriamente uma religiosa, com votos de castidade e de pobreza. É evidente, entretanto, que depois de ser abadessa, ela mesma se impunha um comportamento de religiosa, para ter o respeito das freiras que coordenava. Assim, a castidade e a pobreza passavam a ser sua norma de vida. Vamos à história, da qual apresento uma paráfrase, utilizando dados do texto e das iluminuras:

Num convento francês pertencente à diocese de Colônia, a abadessa, por ser muito severa e exigente, não era apreciada pelas monjas. À espreita de uma fraqueza de sua superiora, as religiosas de repente observaram que ela estava grávida. Grávida de quem? De um cavaleiro de Bolonha, que se encarregava das contas do mosteiro. Que fizeram as monjas? Foram a Colônia e procuraram intrigar a abadessa com o bispo, denunciando-a pela sua gravidez.

O bispo viajou em comitiva, de Colônia para o mosteiro, a fim de investigar pessoalmente o caso. Lá chegando, reuniu diante de si todo o convento, isto é, toda a comunidade das monjas. Dirigiu-se então à abadessa e lhe disse que ela havia administrado muito mal a sua “fazenda”, isto é, todos os seus bens, e que, por isso, teria que se explicar e pedir perdão publicamente. A abadessa não respondeu uma palavra. Baixou a cabeça, saiu e foi se postar diante do altar da Virgem, de quem era grande devota. Lá, chorando ao pé do altar, ela caiu num sono profundo.

Esse sono já é o início do milagre. Enquanto a abadessa dorme, a Virgem manda que o parto seja feito. Vêm dois anjos e retiram a criança. A iluminura representa claramente a cena. Vê-se o altar da Virgem, a abadessa com seu hábito negro e branco, dormindo no chão, e os dois anjos atrás dela, que lhe retiram o menininho do ventre e o levantam em direção ao altar. Retirada a criança, a Virgem manda que ela seja confiada a um ermitão, seu devoto, fato representado numa das iluminuras. Assim, o fato permaneceria em sigilo e a criança seria criada. Concluiu-se o milagre.

Acordando daquele sono miraculoso, a abadessa se viu sem as marcas da gravidez, com o corpo como que intacto. Levantou-se dali e foi se apresentar

ao bispo, diante de todo o convento. Que faz então o bispo? Manda que a abadessa seja despida e examina-lhe os seios, encontrando-os perfeitos, como os de uma virgem. Então, o bispo se volta para as monjas e diz: “Que Deus me perdoe, pois, nessa, nenhuma culpa eu encontrei”.

Nesse conto, a sabedoria de Dom Afonso X se encarna no bispo, mostrando-se nas suas palavras e no seu comportamento. Não teria sentido que, por causa da fraqueza humana de uma mulher que dedicara a sua vida àquela abadia, fosse destruída toda a obra edificada por ela. A abadessa é salva, portanto, pela sua obra. E nós, leitores, nos encontramos diante de uma sentença sábia: “Que Deus me perdoe, pois, nessa, eu não vejo nenhuma culpa”. O conto não o diz, mas pode-se imaginar que o bispo passa uma repreensão nas intrigantes, e a abadessa, com certeza, continua no seu posto.

Através dessas duas histórias, quis mostrar-lhes a figura de dois sábios, cuja sabedoria se mostra no ato de julgar. A primeira história se encontra na *Bíblia*: é o julgamento do Rei Salomão, sobre a causa de duas mulheres que pretendiam o mesmo filho. A segunda se acha nas *Cantigas de Santa Maria*, de D. Afonso X: é o julgamento, por um bispo de Colônia, de uma abadessa que se torna grávida, mas cuja vida tinha sido dedicada a uma boa obra.

Não fiz aqui a leitura dos textos no original. Mas, por meio de paráfrases, espero ter-lhes mostrado o que pode ser a sabedoria. Ela não se confunde com a ciência nem com os conhecimentos acumulados por um indivíduo, mas é um saber feito de intuição, de bom senso e de experiência, que respeita a justiça, que considera o direito dos outros, que é prudente e que teme a Deus. Essa é a verdadeira sabedoria.

Aí está o que eu pretendia dizer-lhes a respeito do tema que me foi proposto. Penso que foi mais fácil levar a entender a sabedoria através desses dois exemplos, do que teria sido fazê-lo através de conceitos abstratos, ou buscados em tratados filosóficos. O rei Salomão dos hebreus e o rei D. Afonso X dos castelhanos são dois sábios que podem ser considerados como protótipos da sabedoria. Como eu já disse, trata-se de uma qualidade que não depende do saber livresco adquirido na escola, nem da posição social ou da riqueza. É mais profundo que isso e pode manifestar-se em pessoas simples, sem nenhum título conferido pela academia ou prestígio social advindo do poder ou da fortuna.

Para terminar, peço-lhes licença para uma referência pessoal, dando-lhes conhecimento de um fato ocorrido entre mim e uma auxiliar que tive, uma babá de meus filhos. Era uma preta já idosa, que eu respeitava como se fosse minha mãe ou uma irmã mais velha. Foi madrinha de todos os meus filhos, e a sua fotografia, montada em

pôster, está hoje no meu quarto e no quarto de todos eles. Seu nome de batismo era Júlia, mas ela era chamada por todos “Mãe Dindinha”. Embora não soubesse ler, nem fosse capaz de assinar o seu próprio nome, tinha uma grande sabedoria, com a qual aprendi muitas lições, eu que tinha estudado tanto. Rendo-lhe agora a minha homenagem, relatando uma grande lição que dela recebi.

Tenho cinco filhos e, entre esses filhos, duas gêmeas. Embora sejam bivitelinhas e muito diferentes no temperamento, há entre elas uma grande semelhança física, que eu acentuava, vestindo-as com roupas iguais. Além disso, exigia delas o mesmo comportamento, os mesmos resultados escolares, as mesmas reações em família, etc. Um dia, quando eu as comparava, censurando aquela que me parecia em desvantagem, Mãe Dindinha me interpelou impaciente e me deu esta lição de sabedoria: “– Ôh Anja! Cê pareci qui num foi na iscola! Num tá venu qui cada uma é uma?”

Com efeito, cada uma era uma. Grande lição de sabedoria, que me ensinou como julgar e como educar as minhas gêmeas! Não era a lição de um psicólogo profissional, mas de uma analfabeta sábia, formada na escola da vida.

Bibliografia

AFONSO X, O SÁBIO. **Cantigas de Santa Maria** Ed. crítica de Walter Mettmann, 4 vols. Coimbra:: Paulinas. Acta Universitatis Conimbrigensis, 1959-1972

BÍBLIA de Jerusalém. Tradução direta dos originais. São Paulo: Paulinas, s./d.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 15.ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

RABELAIS, François. **Oeuvres de Rabelais**. Paris: Garnier Freres, 1928, 2 vol.